

19-03-2021

**A RESPOSTA É O AMOR OU O ÓDIO?!**  
**A FALSA POLARIZAÇÃO!**  
**PELO CANTO DA LIBERDADE!**

**Thiago Sebastiano de Melo**

[Docente no CET - Universidade de Brasília.  
 Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano  
 de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

**Meu amor**

**O que você faria se só te restasse um dia?**

**Se o mundo fosse acabar**

**Me diz, o que você faria?**

**(Paulinho Moska)**

Dias atrás estava trabalhando, mais uma entre tantas reuniões e atividades online. Entre burocracias e articulações, vejo meu tempo se esvaír como a areia da ampulheta que desce solene e impiedosamente.

Ao final do dia, já é praxe, me sinto exausto e tenho algumas tarefas a mais por fazer e outras tantas atrasadas. 12, 13, 14 horas diante de uma tela de computador, eventualmente trocada pela do celular, o que compromete ainda mais as vistas e minha pouca familiaridade com essa realidade virtual. Já estava no automático. Me sentia anestesiado. Fui despertado da pior forma possível. Uma mensagem do meu irmão dizendo que minha mãe, com Covid-19 e há dias de cama, estava piorando. Numa conversa rápida, afinal estava numa reunião, decidimos que ela iria para um dos equipamentos do nosso hoje famoso e aclamado SUS (mas nem sempre foi assim, como vocês sabem bem). Segui firme no trabalho. Findada a reunião, fui para a sessão de psicanálise (online também, obviamente, afinal, existimos nas ondas da infomare). Aturdido, como que saindo de um transe (notem, não entrando, mas saindo, essa era a sensação), principiei a falar do que sentia. As lágrimas rolaram e fui tomado por uma raiva. Raiva! Ódio! Desolador, impotente, devastador, amedrontador.

Queria machucar com minhas próprias mãos aqueles que certamente são os mais diretamente responsáveis por esse crime, esse genocídio, esse abandono desumano. Não consegui falar mais que 20 minutos.

Pedi para pararmos a sessão. Chorei em silêncio por alguns momentos. Decidi que iria para junto dos meus irmãos cuidar da minha mãe. Saí para levar o computador para formatar e dar um upgrade, é a condição para desempenhar esse sem-número de atividades virtuais.

Ao colocar o aplicativo musical para tocar, ele iniciou a lista com a música do Paulinho Moska que está na epígrafe. Fui arrebatado pelo dado real da minha angústia: era o medo de que minha mãe morresse sem que eu pudesse dizer tudo o que tenho vontade para ela. Ódio de que ela pudesse partir de vez por ter ido ao mercado, ou por ter encontrado com um dos filhos que precisou viajar para trabalhar.

O que eu faria se ela estivesse mesmo morrendo? Semearia e espalharia a raiva, sempre impotente, por esses seres desprezíveis que escolheram o caminho da morte? Nesse momento percebo que é preciso transformar o ódio em algo que me implique numa solução coletiva, pois o meu drama é o drama de mais de 270.000 famílias, muitas que perderam mais de um ente para esse projeto genocida.

No rádio, novamente, uma mensagem certa:

**Não precisa de dinheiro**

**Pra se ouvir meu canto**

**Eu sou canário do reino**

**E canto em qualquer lugar**

**Em qualquer rua de qualquer cidade**

**Em qualquer praça de qualquer país**

**Levo o meu canto puro e verdadeiro**

**Eu quero que o mundo inteiro**

**Se sinta feliz**

**(Tim Maia)**

A liberdade é a mãe da felicidade. Não há saúde (integral) longe delas. Meu compromisso ético-político exige que me engaje criticamente, poeticamente, afetuosamente nas transformações sociais.

Contrapor algum projeto de sociedade ao projeto de morte, de desumanidade, é criar uma falsa polarização. Essa escolha nada difícil me fez perceber que cultivar o ódio seria romper com meu compromisso ou, no limite, o despotencializaria.

Como o canário, cantarei meus princípios, meu amor à vida, minha luta para que o trabalho seja fonte de vida e não de adoecimento, minhas tortas poesias, minhas molhadas tentativas de plantar dignidade para toda a beleza que não é só minha, que se expressa nessa encantadora diversidade existencial, que vemos nas ruas de qualquer cidade, em qualquer canto de qualquer país. É preciso levarmos esse canto.

Como o canário, eu quero que o mundo inteiro  
 se vacine, seja livre e se sinta feliz!

\*\*\*

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*